

A solidariedade social como rosto da caridade

ROBERTO ROSMANINHO MARIZ

Agradeço o convite para poder participar e partilhar nestas Jornadas Teológicas. A temática é amplamente importante para a reflexão e essencialmente determinante a sua práxis para uma sociedade mais justa e fraterna.

Foi-me referido que falasse da solidariedade, de modo a salientar a doutrina social da igreja (DSI) [pensamento social da Igreja – evangelho social] e ação socio caritativa que a mesma desenvolve, apresentando números objetivos.

Ao tema «solidariedade social como rosto da caridade», acrescento um subtema «solidariedade – ícone ‘eterno’ de Cristo. Procurando perceber como a solidariedade social espelha a caridade evangélica, convido a compreendermos como na história do cristianismo a solidariedade/caridade sempre se situou como uma forma válida de autenticar a fé e de a credibilizar.

Proponho-me desenvolver cinco pontos.

1. Fundamento Bíblico do pensamento e ação social do cristianismo

A solidariedade realizada pelas instituições sociais de igreja funda-se na Bíblia e aprofunda-se na reflexão da DSI.

A caridade – ágape – presente no novo testamento, é um conceito que normalmente se traduz por amor oblativo. O termo procura manifestar o amor que Deus tem pela humanidade, por cada ser humano. Olhamos para Deus, em Jesus, que descentrado de si se centra em nós, doando a sua vida por amor, querendo, desejando e fazendo sempre tudo pelo bem dos outros. Sentindo-nos assim amados por Deus, somos convidados a imitá-lo («aprendei de Mim»), a

centrarmo-nos no bem e bondade para com os outros. Não se trata meramente de um sentimento bondoso mas um amor que se traduz em ações e atitudes concretas em favor dos outros.

Imensas são as passagens do antigo testamento e do novo testamento que poderíamos citar, de um modo particular, as atitudes e parábolas de Jesus. Contudo, a título de exemplo, centramo-nos na epístola de S. Paulo a Filémon.

O mais pequeno livro da Bíblia. Esse pequeno documento encerra de modo resumido a implicação que a fé cristã terá de comportar na transformação das relações pessoais e na vivência em sociedade. Não pretendemos fazer exegese sobre o texto, mas olhá-lo neste enquadramento temático.

Três são as personagens: Paulo, Filémon e Onésimo. Convido cada um a visitar o texto. Em resumo (da Bíblia Sagrada da Difusora Bíblica): Filémon era um cristão de elevada posição social, convertido por Paulo, e tinha como escravo um outro cristão, Onésimo. Este, tendo fugido ao seu senhor, refugiou-se junto de Paulo (v.10), que o refere em Cl 4,9 como «irmão fiel e querido». Este facto era motivo de graves penas civis, tanto para o escravo como para quem o acolhia. Paulo, prescindindo da questão legal, envia-o ao seu senhor com o presente «bilhete» e pede a Filémon que acolha de novo, não como escravo, mas «como irmão querido» (v.16), um irmão na fé. Mais: como se fosse o próprio Paulo (v.17).

Analisando o texto, percebemos como as *relações de escravo/senhor dão lugar às relações de irmãos* e as *penas dão lugar à misericórdia*. Pela fé e em nome da fé acontece a aurora de um mundo novo e de relações novas.

É pedido que seja recebido como irmão (o meu próprio coração) e não escravo. Paulo não manda alguém pagar, faz ele próprio (eu pagarei se ele te prejudicou). Comparando com a parábola do bom samaritano (Lc 10, 30-37), verificamos como em Paulo (e demais cristãos aqui em relação), o bom samaritano não é uma parábola mas um rosto concreto, não apenas cuidando do «agredido» (em Paulo seria Filémon) mas do agressor (Onésimo). Paulo acolhe, trata e incorpora numa sociedade renovada.

O que é isto, senão o evangelho/a fé que se faz vida? Que se transforma em atitudes em benefício do outro?

A fé cristã não existe sem o compromisso social e caritativo, é identitário da afirmação crente: dizer «creio em Deus», é afirmar que vejo no ser humano o rosto de Deus, o primeiro e mais sagrado sacrário da presença de Deus.

2. Doutrina Social da Igreja – Inculturação da fé

A DSI aparece como reflexão e conceptualização dos conteúdos sociais que a fé cristã contém.

Muitas vezes se faz referência à sempre necessária inculturação da fé nas diversas épocas da história e nos diversos contextos culturais. A DSI apresenta-se como um esforço conseguido de inculturação da fé nos tempos modernos e no contexto social, económico, político e cultural. Estamos perante uma palavra oportuna, uma ação credível... um agir na vida que é reconhecido no mundo e pelo mundo.

É verdade que «a DSI não foi pensada desde o princípio como um sistema orgânico; mas foi-se formando pouco a pouco, com progressivos pronunciamentos do Magistério sobre os temas sociais»¹.

Existe um empenho para que os princípios e valores afirmados no cristianismo não se apresentem unicamente com a validade de uma verdade revelada, mas uma «exigência» da razão, afirmando-se simultaneamente que não se restringe à reflexão cognitiva. «Debilitar a fonte sobrenatural da revelação converteria a doutrina da igreja numa mera ética social; privá-la-íamos assim da sua radical originalidade evangélica. Pelo contrário, debilitar os seus fundamentos de direito natural levaria, ora a um «sobrenaturalismo» de carácter idealista – a uma utopia religiosa – ora a um positivismo eclesiástico, como se tivesse só «normas para católicos» e não respostas que a partir da própria natureza humana a sociedade inteira necessita com urgência»².

Nesta busca da palavra certa e correta para cada tempo e para cada situação, a igreja «vale-se de todos os contributos cognoscitivos, qualquer que seja o saber donde provenham, e tem uma importante dimensão interdisciplinar»³.

João Paulo II catalogou todo o esforço que edificou e vai edificando a DSI, como a conquista do «estatuto de cidadania»⁴ da religião.

Com a DSI estamos no âmago da missão central da evangelização. João XXIII, ao comemorar os 70 anos da *Rerum Novarum*, afirma que a igreja, «apesar de ter como principal missão a de santificar as almas e de as fazer participar dos bens da ordem sobrenatural, não deixa de preocupar-se ao mesmo tempo com as exigências da vida quotidiana dos homens, não só no que diz respeito ao sustento e às condições de vida, mas também no que se refere à prosperidade e à civilização nos seus múltiplos aspetos, dentro do condicionalismo das várias épocas»⁵.

¹ *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 72.

² J. M. IBANES LANGLOIS, *Doutrina Social da Igreja*, 27.

³ *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 76.

⁴ *Centesimus Annus*, 5.

⁵ *Mater et Magistra*, 3.

A fé cristã «não é simples afirmação de verdades a acreditar, nela não se trata tanto do «dizer» como sobretudo e decisivamente de «fazer». Ser cristão é percorrer um «caminho» (uma via), entende-se como um «modo de viver»⁶.

Em resumo: a DSI «não deve ser considerada uma teoria, mas sobretudo um fundamento e uma motivação para a ação. (...) A igreja está consciente hoje mais que nunca de que a sua mensagem social encontrará credibilidade primeiro no *testemunho das obras* e só depois na sua coerência e lógica interna»⁷.

Inculturar a fé, não apenas pela teoria mas pela prática... A ação social desenvolvida pelas IPSS e toda a caridade dos grupos sócio caritativos são um imenso mundo propício para este contacto com as pessoas e a realidade social e cultural atual. O diálogo com o mundo hodierno tem aqui um areópago privilegiado a ser aproveitado.

Estas instituições precisarão de estar despertas para que a sua identidade não seja diluída mas se mantenha estrutural. Aqui estará um dos maiores desafios que atualmente se colocam às nossas instituições. Um exemplo que poderá ser inspirador encontrar-se-á na ação social desenvolvida pelos institutos religiosos em geografias longínquas: dar a água, cultivar a terra..., mantendo sempre a referência da fé que levou a construir estas missões.

3. Ação sociocaritativa – Credibilização da teoria

Se a DSI incorpora o conteúdo que visa a ação, importa olhar números concretos da ação social na nossa área geográfica.

A solidariedade social como rosto da caridade encontra na Arquidiocese de Braga valores com um impressionante peso.

Dados globais das IPSS (a soma das IPSS, onde se incluem as Misericórdias):

Sirvo-me dos dados fornecidos pela Segurança Social – Centro Distrital de Braga – acerca dos acordos de cooperação em vigor. Com esses valores, fez-se o cruzamento com os dados reais de uma amostra de três IPSS para se perceber a percentagem entre valor recebido da Segurança Social e o valor recebido pelas receitas próprias; aferindo igualmente da relação entre utentes/clientes e colaboradores/funcionários.

⁶ J. E. Borges de PINHO, «Diaconia e caridade. Uma aproximação eclesiológica», 200.

⁷ *Centesimus Annus*, 57.

- N° de Instituições: 335
- Pessoas apoiadas:
 - Creche: 8.573
 - Jardim de Infância: 9.213
 - ATL: 8.642
 - Idosos em lar residencial: 4.217
 - Idosos em Centro de Dia: 2.135
 - Idosos em Apoio Domiciliário: 5.292
 - Pessoas com deficiências apoiadas: 1.658
 - Pessoas apoiadas em Cantina Social: 1.193.317 – 3.270 refeições e pessoas/dia
- Valor financeiro movimentado anualmente:
 - Acordos de cooperação: 107.405.724,44 € + Cantinas Sociais – 2.983.292,50 €
 - = 110.389.016, 94 €

Podemos acrescentar 90 milhões das receitas próprias/mensalidades (nas valências de infância as mensalidades são inferiores ao valor recebido de apoio estatal; nos lares de infância e juventude não existem mensalidades; nas valência da terceira idade, temos os lares em que a maior receita é das mensalidades e não das participações estatais). Temos o total de 200 milhões de euros.

- Pessoas servidas: 43.000
- Colaboradores/Funcionários: 9.310
- Pessoas nos Órgãos Sociais: (média $8 \times 335 = 2.680$)

Poderemos acrescentar cerca de 20% a estes números, quer pela existência de respostas com números de pessoas apoiadas superiores aos existentes em acordo (capacidade superior ao acordo), quer pela existência de várias IPSS na Póvoa de varzim e Vila do Conde, às quais não fazem parte do distrito de Braga. Ainda teríamos de acrescentar todo o valor envolvido na área da saúde em diversas Misericórdias.

Dados Globais referentes à Cáritas Arquidiocesana de Braga

- Pessoas apoiadas: 6.573
- Famílias apoiadas: 2.691
- Valor em alimentos: 25.362,79 €
- Valor em roupas: Não contabilizado em valor
- Valor em rendas: 41.289,94 €
- Valor em medicamentos: 5.205,40 €

- Valor em eletricidade / água / gás: 16.469,76 €
- Outros: 35.696,10 €
- Pessoas em refeitório / cantina social (19.000,09 € – 115 pessoas diárias) + apoio a crianças, residência partilhada, balneário social, acompanhamento a vítimas de violência doméstica, etc.
- Salários, manutenções, veículos, valores atribuídos e apoiados em formação certificada, etc: 287.084,94 €
- Nº de Colaboradores / membros: 11 + 21 voluntários
- Valor financeiro movimentado anualmente: 385.710,14 €

Dados referentes às Conferências Vicentinas da Arquidiocesana de Braga

- Número de pessoas apoiadas: 7500
- Número de famílias apoiadas: 3000
 - Valor em alimentos: 150.000,00 €
 - Valor em roupas: 25.000,00 €
 - Valor em rendas: 30.000,00 €
 - Valor em despesas médicas: 30.000,00 €
 - Valor em eletricidade / água / gás: 30.000,00 €
 - Outros: educação, toxicodependentes, reclusos, emprego: 35.000,00 €
- Número de vicentinos: 3000
 - Valor financeiro movimentado: 300.000,00 €

Fundo Partilhar com Esperança –Arquidiocese de Braga

Abril de 2011 a Dezembro de 2014

- Número de pessoas apoiadas: 2061 (2014 – 566)
- Número de famílias apoiadas: 742
- Valor: 230.748,48 € [2014: 68.355,51 €] (+ de 80% para habitação – rendas e prestação; água, luz, gás, medicamentos, e outros)

Valores globais

- IPSS: 200 milhões de euros + Cáritas – 385 mil euros + Conferências Vicentinas 300 mil euros + Fundo Partilhar com esperança – 68 mil euros.
 - **Total: 200.753.000,00 euros.** 753 mil euros anuais são da generosidade. Ainda existem equipas sócio caritativas – os dados não estão aqui contabilizados (lembramos os 20% já referidos e as equipas sociais paroquiais).
- + Pessoas apoiadas em Cantina Social: 1.193.317 – 3.270 refeições / dia
 - Cantinas Sociais ± – 2.983.292,50 €
 - **Pessoas servidas:** IPSS – 43.000 + Cáritas – 6.573 + Conferências Vicentinas 7.500 + Fundo Partilhar com Esperança – 566.
 - **Total: 57.639** – Acrescentemos pessoas apoiadas em Cantina Social – 1.193.317 – 3.270 refeições – pessoas / dia

- **Funcionários/colaboradores/voluntários:**
 - IPSS: funcionários / colaboradores: 9.310 e pessoas nos Órgãos Sociais: 2.680 = 11.990 + Cáritas – 32 [11+21] + Conferências Vicentinas – 3.000.
 - **Total: 17.702**
 - Funcionários / colaboradores: 12.001
 - Voluntários: 5.701

4. Solidariedade/Caridade – Ícone «eterno» de Cristo

A imitação de Cristo sempre se apresentou como a estratégia acertada para uma vivência exemplar da fé. Ao longo dos séculos a «semelhança» com Cristo foi tendo acentuações variadas.

Imagem/Ícone de Cristo (o Santo) – Martírio

Imagem/Ícone de Cristo (o Santo) – Eremita: Votos evangélicos

Imagem/Ícone de Cristo (o Santo) – Solidariedade

Nos primeiros séculos, dada as perseguições do império romano, olha-se para o martírio como o máximo (ícone) que se pode ter na vida no seguimento de Cristo. Veja-se a quantidade de santos mártires desse tempo. Estes eram os santos.

Com a liberdade religiosa concedida ao cristianismo, uma nova saliência ganha vigor: a vida eremita, que depois se amplia com a vida religiosa consagrada. São imensos os santos que encontramos neste horizonte (ícone) e ligados a determinada época.

Finalmente (existindo desde sempre), aparece-nos como o verdadeiro rosto (ícone) de Cristo aquele que é fraterno e solidário, aquele que dá os seus bens, aquele que cuida dos pobres. Quantos santos também não encontramos nesta perspectiva? Só a título de exemplo – S. Francisco de Assis e Madre teresa de Calcutá. Olhando a sociedade do nosso tempo, percebemos como esta autenticação da fé cristã é valorizada pelos crentes e não crentes.

O Presidente da Cáritas Internacional, Cardeal Oscar Mariadiaga, em Dezembro em 2014, em Lisboa, defendeu a «coerência entre a fé e a vida»; afirmando que o católico praticante é o que «põe em prática a sua fé» e o que a «privatiza» no interior de um templo é «ritualista». «A pergunta final não será se foste ou não à missa, antes se deste de comer a quem tem fome. Por isso, não podemos privatizar a fé dentro de um templo, numa celebração litúrgica».

O Cardeal Maradiaga rejeitou a possibilidade de se «fazer missão, evangelizar» sem «alterar o contexto, sem tocar a realidade pessoal (no trabalho, na família, na alimentação, na segurança, no bem-estar, na saúde, na economia)». Considera «inaceitável» uma «abordagem desencarnada», que retira a dimensão social da evangelização.

Estes três ícones de Cristo perduram em complementaridade, mas aquele que o mundo olha e contempla, é a ação social – aqueles que transformam, renovam, constroem, acolhem e amam... Por exemplo, hoje não temos menos mártires cristãos do que no início do cristianismo, mas o destaque que é dado não é o mesmo (várias são as razões, que aqui não detalhamos).

Uma referência ao **termo da solidariedade no contexto da caridade**.

O princípio da solidariedade na DSI deve imenso ao Papa João Paulo II⁸. As suas encíclicas vão inaugurar e aprofundar este princípio, enquadrando-o como estruturante do pensamento social da igreja.

A solidariedade querida, amada e incentivada pela igreja emerge no século XIX, para «negar e excluir do campo social a caridade cristã. O viveiro da solidariedade foi o socialismo utópico e o solidarismo, mormente no espaço francês»⁹. O termo surge como «uma arma de arremesso dos socialistas e solidaristas contra a prática social da caridade»¹⁰. Vão criando distâncias entre a caridade cristã e a solidariedade, chamando à caridade cristã «filha do céu e à solidariedade filha da ciência»¹¹. A caridade cristã, claramente ligada ao transcendente, ao amor a Deus, que se traduzirá no amor aos irmãos e na ajuda aos necessitados, é acusada de não conduzir a uma verdadeira reabilitação da pessoa humana. Projeta-se a solidariedade como o novo princípio que há de traduzir a «fraternidade».

Face a este enquadramento, «não admira, pois, que a solidariedade se tenha convertido numa expressão tabu para a maioria das figuras do catolicismo social e para os cristãos. Foi necessário aguardar algumas décadas – 1930-1940 – para que acontecesse a descontextualização ideológica da «solidariedade» e esta pudesse, enfim, pouco a pouco, ser integrada no vocabulário social cristão»¹².

A solidariedade não aparece como uma ideia abstrata nem um sentimento vago; é entendida «como um conjunto de obrigações»¹³. A solidariedade deverá tornar-se o pilar estruturante da ação política, do mundo do trabalho, da ética social, da paz social, da justiça social e da compreensão do homem como ser aberto ao transcendente, enquanto ser espiritual. Não só instituições de soli-

⁸ D. Lourenço VIEIRA, *La solidarité au coeur de l'éthique sociale. La notion de solidarité dans l'enseignement social de l'Église catholique*. Toda a obra de doutoramento do autor faz uma reflexão da génese e evolução do conceito da solidariedade no ensinamento social da igreja católica, onde se apresenta o papel do Papa João Paulo II no enquadramento e aprofundamento deste princípio.

⁹ D. Lourenço VIEIRA, *A solidariedade cristã. Horizonte de sentido e lógica de ação*, 187.

¹⁰ *Id.*, *Ibid.*, 188.

¹¹ *Id.*, *Ibid.*, 187.

¹² *Id.*, *Ibid.*, 188.

¹³ Cf. *Id.*, *La solidarité au coeur de l'éthique sociale. La notion de solidarité dans l'enseignement social de l'Église catholique*, 274.

dariedade, mas sociedade solidária no seu todo, sabendo que há sempre lugar para a caridade.

A solidariedade apresenta-se como o «sal e fermento» a ser colocado na sociedade marcada apelo egoísmo, comodismo, hedonismo, tecnicismo, etc. O outro passa a ser «reconhecido não como «rival» mas como «igual» no banquete desigual da vida, permitindo, assim, a criação de uma consciência de igualdade mundial»¹⁴. É apresentada como a «nova» virtude que deve estruturar a sociedade em todos os domínios: político, económico, social, etc.

Recordemos o princípio citado por Paulo VI: «o que conta para nós é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira»¹⁵.

O Papa Francisco no discurso no parlamento europeu em 2014, afirmava: «Por isso, considero que seja mais vital hoje do que nunca aprofundar uma cultura dos direitos humanos que possa sapientemente ligar a dimensão individual, ou melhor pessoal, à do bem comum, àquele "nós-todos" formado por indivíduos, famílias e grupos intermédios que se unem em comunidade social. Na realidade, se o direito de cada um não está harmoniosamente ordenado para o bem maior, acaba por conceber-se sem limitações e, por conseguinte, tornar-se fonte de conflitos e violências».

Afirma que a arquitetura da União Europeia tem de assentar sobre os princípios de solidariedade e subsidiariedade, para que prevaleça a ajuda recíproca e reine a mútua confiança.

João Paulo II fala nas «estruturas do pecado»¹⁶, nas quais se encaixam aquelas que se alimentam da avidez de lucro e da sede do poder, dizendo que elas só poderão ser vencidas pela solidariedade, no esforço pelo bem do próximo, entregando-se abnegadamente pelos outros, deixando de lado a opressão e exploração. As IPSS serão uma operacionalização de todo o conteúdo em torno do princípio da solidariedade.

5. Solidariedade: incluída ou excluída na sociedade moderna?

Para a resposta que cada um possa dar a esta questão, convido a olharmos o pensamento de René Girard e o estudo/tese de doutoramento *Literacia Social* de Lourenço Xavier de Carvalho.

René Girard aprofunda a ligação entre estes conceitos: Inveja – Violência – Mecanismo de Imitação – Bode Expiatório. A reflexão mostra amplamente como

¹⁴ *Id.*, *A solidariedade cristã. Horizonte de sentido e lógica de ação*, 189.

¹⁵ *Populorum Progressio*, 14.

¹⁶ *Cf. Sollicitudo Rei Socialis*, 38.

na Bíblia, sobretudo em Cristo, temos a reabilitação da vítima, a qual precisa de ser amparada e acarinhada em qualquer situação (ex.: mulher adúltera – Jo 8, 1-11), assentando aqui a preocupação moderna com as vítimas.

A Bíblia e, de um modo particular, o cristianismo, deram um contributo inegável para a atual proteção que é dada às vítimas. «A nossa sociedade está mais preocupada com as vítimas do que alguma vez esteve. (...) Nenhum período histórico, nenhuma sociedade nossa conhecida, alguma vez falou das vítimas como nós fazemos»¹⁷. Contudo, isto «não nos impede de repetirmos, insistentemente, contra o universo contemporâneo, acusações que sabemos, pertinentemente, serem falsas. Ouve-se, com frequência, que nunca alguma sociedade foi mais indiferente aos pobres do que a nossa. Como poderia isto ser verdade?»¹⁸.

Não deixa de ser caricato que «em França o humanismo se desenvolveu contra o cristianismo do Antigo Regime, acusado de cumplicidade com os poderosos, aliás, com razão. (...) Mas não conseguem dissimular a origem verdadeira da nossa preocupação moderna com as vítimas, muito evidentemente cristã. O humanismo e o humanitarismo desenvolvem-se, em primeiro lugar, em terra cristã»¹⁹. «O ideal de uma sociedade estranha à violência remonta, visivelmente, à pregação de Jesus, ao anúncio do reino de Deus»²⁰.

Os próprios «direitos do homem» acabam por brotar da revolução cristã. Na verdade, «a força de transformação mais eficaz não é a violência revolucionária, mas a preocupação moderna com as vítimas»²¹. O nosso tempo «não inventou a compaixão, evidentemente, mas universalizou-a»²².

A concluir, «se ninguém consegue pôr "fora de moda" a preocupação com as vítimas, é porque é a única no nosso mundo a não depender da moda»²³. A própria censura feita ao cristianismo, muitas vezes acontece com o argumento de que não defende «as vítimas com ardor suficiente»²⁴. Assim, verifica-se que o cristianismo potenciou uma crescente consciencialização do empenho que deve existir, por parte da sociedade, na proteção, amparo e recuperação das pessoas que são vitimizadas e fragilizadas, independentemente das circunstâncias.

As instituições sócio caritativas de Igreja decorrerão desta crescente consciencialização da necessidade de proteger as vítimas.

¹⁷ R. GIRARD, *Eu via satanás cair do céu como um raio*, 199.

¹⁸ *Id.*, *Ibid.*, 200.

¹⁹ *Id.*, *Ibid.*, 201.

²⁰ *Id.*, *Ibid.*, 202.

²¹ *Id.*, *Ibid.*, 207.

²² *Id.*, *Ibid.*, 209.

²³ R. GIRARD, *Ibid.*, 219.

²⁴ *Id.*, *Ibid.*, 222.

Situemos agora a tese de doutoramento *Literacia social – Os valores como fundamento de competência* de Lourenço Xavier de Carvalho²⁵.

Os portugueses com mais habilitações e mais dinheiro apresentam-se também os menos solidários, revela o estudo. «Há uma correlação negativa entre pessoas com elevados rendimentos e a preocupação para com a solidariedade». Nele se conclui, nomeadamente, que «os que mais têm materialmente são os menos disponíveis, quer para ajudar os outros, quer para lutar por uma causa justa», o que cria «um problema estrutural de democracia», porque «os que mais instrução têm são os mais propensos a ocupar lugares de liderança». Xavier de Carvalho é claro: «É assustador de alguma maneira». E diz a seguir: «É um alerta para se tomarem medidas».

Em resumo, conclui o trabalho do académico que «a sociedade é mais tolerante mas mais individualista, as pessoas se acomodam ao seu bem-estar crescente e têm dificuldades em partilhar riqueza, benefícios e privilégios, e que os jovens são educados apenas para serem ativos e competentes».

«O sistema educativo esqueceu-se de que o individuo não é só trabalho, é a relação com os outros, com a família. Não podemos educar apenas bons técnicos. Arriscamo-nos a ter ladrões competentes».

O responsável aponta o dedo ao sistema de ensino, excessivamente técnico nas últimas décadas, esquecendo «competências humanas e éticas que têm de ser promovidas ao longo da vida».

E são felizes? Os mais infelizes, segundo o inquérito, são os que ganham menos de 500 euros e os que ganham mais de 4500, o que leva o responsável a dizer que se os que são mais ricos (e logo menos solidários) partilhassem com os mais pobres «eram todos mais felizes». Afirma ter a percepção de que, no resto da Europa, os resultados não seriam muito diferentes perante inquéritos idênticos, porque é uma questão de «cultura ocidental».

E aponta de novo as escolas, que têm de criar «espaços de formação humana». O pensador Agostinho da Silva escreveu que a *escola esquece a importância da formação do carácter* e Xavier de Carvalho cita-o para dizer: «*Quem vai à escola desaprende de ser gente*».

Dado paradoxal: mais formação académica, menos solidários... Como referia o povo: «quem mais ajuda, quem dá a esmola, são os pobres e não os ricos»... os ricos olham para os mais ricos e querem ser como eles... juntar mais; os pobres vêm que há quem esteja pior... e ajuda-se...

²⁵ L. X. de CARVALHO, *Literacia social – Os valores como fundamento de competência*, Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de doutor em Ciência da Educação, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Lisboa, 2013. Cito-o na entrevista em <http://visao.sapo.pt/estudo-conclui-que-os-mais-ricos-e-instruidos-sao-menos-solidarios=f766218#ixzz3IqhqtOy>, 18-12-2014.

Com tudo isto, fica a questão: Quem tem razão, René Girard ou Lourenço Xavier de Carvalho?

Nas nossas IPSS: aumentamos a competência **técnica**. E a competência humana e cristã?

Conclusão

A solidariedade, a caridade, a fraternidade não são realidades adquiridas; contudo, uma imensa atividade existe neste âmbito.

Exige-se empenho, abnegação e compromisso. O caminho educacional, ou se faz nessa direção ou na direção oposta, o mesmo é dizer que ou se faz na direção da humanização do ser humano ou no da sua desumanidade.

É inegável que o cristianismo é um impulso e fermento para que o ser humano seja fraterno. Coloquemos todo o empenho para que a solidariedade seja uma realidade interna e externa à Igreja, para que seja uma marca da humanidade transformada pela graça e um rosto palpável do crente / de Deus no crente.

Bibliografia

- Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblia, Lisboa/Fátima, 2008.
- CARVALHO, Lourenço Xavier de, *Literacia social – Os valores como fundamento de competência*, Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de doutor em Ciência da Educação, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Lisboa, 2013. Cito-o na entrevista em <http://visao.sapo.pt/estudo-conclui-que-os-mais-ricos-e-instruidos-sao-menos-solidarios=f766218#ixzz3IqhqtOy>, 18-12-2014.
- CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Cascais, 2005.
- GIRAD, René, *Eu via Satanás cair do céu como um raio*, Instituto Piaget, Lisboa, 2002.
- IBAÑES LANGLOIS, José Miguel, *Doutrina Social da Igreja*. Reis dos Livros, Lisboa, 1990.
- IOANNES PAULUS PP. II, *Litterae encyclicae de saeculo ipso Encyclicis ab editis litteris «Rerum novarum» transato «Centesimus Annus»* (Kalendis Maiiis 1991), in AAS 83 (1991) 793-867.
- IOANNES PAULUS PP. II, *Litterae encyclicae de vicesimo expleto anno ab editis Litteris Encyclicis a verbis «Populorum progressio» incipientibus «Sollicitudo Rei Socialis»* (30 mensis Decembris 1987), in AAS 80 (1988) 513-324.
- IOANNES PP. XXIII, *Litterae encyclicae de recentioribus rerum socialium processibus ad christiana praecepta componendis «Mater Et Magistra»* (15 mensis Maii 1961), in AAS 53 (1961) 401-464.
- PAULUS PP. VI, *Litterae encyclicae de populorum progressionem promovendam «Populorum Progressio»* (26 mensis Martii 1967), in AAS 59 (1967) 257-299.
- PINHO, José Eduardo Borges de, «Diaconia e caridade. Uma aproximação eclesiológica», in *Communio – Revista Internacional Católica* 26 (2009) 195-208.

VIEIRA, Domingos Lourenço, «A solidariedade cristã. Horizonte de sentido e lógica de ação», in *Communio – Revista Internacional Católica* 26 (2009) 187-194.

VIEIRA, Domingos Lourenço, *La solidarité au coeur de l'éthique sociale. La notion de solidarité dans l'enseignement social de l'Église catholique*, Mare et Martin, Paris, 2006.